

# Documentário retrata brasilienses

ESTADO DE SÃO PAULO

DF- Brasília

'Brasília, um Dia em Fevereiro' é de Maria Augusta Ramos, radicada na Holanda

**B**ERNA — Do piano para uma câmera, a mudança foi radical para a brasiliense Maria Augusta Ramos, convertida do som da música para as imagens do cinema. Essa transformação ocorreu em Amsterdã, onde deixou de lado a busca de um doutorado em música eletroacústica para começar novos estudos, aos 26 anos, numa escola de cinema. Gostou, fez quatro curtas-metragens e conseguiu levantar dinheiro para fazer o documentário de longa-metragem *Brasília, um Dia em Fevereiro*, na programação da 20ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. Com 32 anos, já se prepara para um novo documentário, financiado pela Holanda, sobre o sertão brasileiro.



**Estado** — Como houve o convite para ir à 20ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo?

**Maria Augusta Ramos** — Mandei o filme, num vídeo, para Maria Luiza Taunay, que fez minha produção no Brasil. Ela encaminhou para a mostra e o convite veio para a competição. É meu segundo filme, mas o primeiro que será mostrado no Brasil.

**Estado** — Por que Brasília?

**Maria** — Sempre tive vontade de fazer um filme sobre o Brasil, pois faz 11 anos que saí do País. *Brasília, um Dia em Fevereiro* foi para mim uma volta, um rever, porque nasci em Brasília e só vivi ali. Meu objetivo era não



Cena do filme: hoje, às 16 horas, no Centro Cultural São Paulo

apenas retratar a cidade, como mostrá-la na Europa, onde existe ainda gente pensando que a capital do Brasil é o Rio.

**Estado** — Seu filme é falado em que idioma?

**Maria** — Ele é em português, com legendas em inglês.

**Estado** — Depois de Paris, Londres, Amsterdã, foram as saudades que a levaram a fazer um filme sobre Brasília?

**Maria** — Não acho que tenham sido as saudades, embora tenha mui-

tas. Meus dois primeiros filmes, dois curtas, foram feitos aqui na Holanda sobre temas bem pessoais, bem íntimos. Os dois filmes lidam com relações amorosas, relações entre homem e mulher. O primeiro foi sobre uma chinesa que abandonou o marido e um filho de oito meses para morar com um amante holandês na Holanda. Depois da monotonia na China, a solidão na Holanda, onde não sabia a língua e era estrangeira numa sociedade fechada. Meu segundo filme foi sobre os pais do meu marido holandês, que são duas pessoas fantásticas, muito engraçadas. Acabou sendo



também um filme sobre a relação entre esse casal e sobre a relação do meu sogro com sua mãe. Esse filme tem uma estrutura parecida com o filme *Brasília*, pois trata-se de um dia na vida deles.

**Estado** — O filme em 16 milímetros já tem cópia em 35 milímetros? Qual é seu objetivo? Televisão ou cinema? Já tem distribuição na Holanda, no caso de cinema ou TV?

**Maria** — Não tenho cópia de 35 milímetros, mas já tenho distribuição assegurada na Holanda e vou tentar entrar em contato, em São Paulo, com distribuidores brasileiros. A estréia do filme foi no Festival de Cinema de Utrecht, na Holanda, onde estava na competição. Depois de São Paulo irá

para o Festival Internacional de Documentários, em Amsterdã. No ano que vem, participará de outros festivais europeus.

**Estado** — Qual é a sua concepção de documentário na realização do filme *Brasília*?

**Maria** — Os meus documentários não são do tipo tradicional, pois não usam entrevista e comentários. Trabalho na realidade, mas como ficção. Dou certa forma, estrutura a reali-

dade. Acho mais interessante mostrar as pessoas no cotidiano delas. O público passa a conhecer os personagens por meio das palavras, dos gestos, das relações deles com outras pessoas, como ocorre nos filmes de ficção, em lugar do tratamento unila-

**P RÓXIMO  
PROJETO  
É SOBRE O  
SERTÃO**

teral da entrevista, que é menos íntima e mais afastada. Esse filme no fundo é sobre coisas pequenas, não sobre a cidade de Brasília, mas sobre o cotidiano das pessoas nessa cidade. O dia-a-dia, as relações, o espaço. Certos documentários pretendem retratar a realidade como se fossem a própria realidade, sem manipular a realidade. Mas isso não ocorre. Num documentário, a realidade é o material do filme, mas o filme é uma visão subjetiva, é um lado, é uma face da realidade.

**Estado** — Qual vai ser seu próximo projeto?

**Maria** — Será um outro documentário. Tenho duas idéias, uma de um filme sobre o sertão, estou fazendo pesquisa sobre isso. A outra é de um filme sobre relações amorosas, marido-mulher e crise nas relações, que tem um pouco a ver com meus dois primeiros filmes. (R.M.)

A diretora Maria Augusta Ramos: "O filme, no fundo, é sobre coisas pequenas"